

CAPÍTULO 13

A BESTA QUE SAI DO MAR, AS SUAS SETE CABEÇAS E OS SEUS DEZ CORNOS. UMA DAS SUAS CABEÇAS, QUE PARECIA MORTA, É CURADA. SEGUNDA BESTA COM DOIS CORNOS, SEDUZINDO A TODO O MUNDO.

1 E vi levantar-se do mar uma Bêsta, que tinha sete cabeças e dez cornos, e sôbre os seus cornos dez diademas, e sôbre as suas cabeças nomes de blasfêmia. (1)

(1) **E VI LEVANTAR-SE DO MAR UMA BESTA** — Na figura de quatro bestas tinha também visto Daniel levantarem-se do mar quatro grandes impérios. Ondé pelo mar se deve entender a agitação das coisas humanas figuradas pelo mar, sobre o qual asopraram todos os ventos. Dan 7, 2. — Bossuet.

QUE TINHA SETE CABEÇAS E DEZ CORNOS — O capítulo 17, que é verdadeiramente a chave das profecias do Apocalipse, nos descobre que esta Bêsta não é outra que o império de Roma pagã, pois nele claramente diz S. João, que as sete cabeças da bêsta são os seté montes, sôbre que a prostituta está assentada, e que as mesmas sete cabeças são sete reis; porque na frase dos gregos (a qual também seguiu Eusébio no livro 8, cap. 13), reis se chamam os sete Augustos, ou os sete imperadores, que então governavam, a saber: Aurélio Diocleciano, Maximiano Herculeo, Galério Maximiano, Constâncio Cloro, pai de Constantino, Magno-Maxêncio, filho natural de Maximiano Herculeo, Maximino e Licínio, filhos adotivos de Galério Maximiano. Nem deve fazer duvida metter-se entre estas sete cabeças, ou sete imperadores, um Constâncio Cloro, pai de Constantino, porque ainda que êle, como atesta Eusébio no referido livro 8 cap. 13, e o Memorial dos Donatistas, que escreve Santo Optato no livro 1, não teve parte na perseguição contra os cristãos, quanto ao seu pessoal e quanto a não passar edicto algum próprio contra êles, é contudo inegável que Constancio Cloro fazia corpo com os outros, e em nome de todos saiam os editos de perseguição, assim como em nome de todos saiam as leis do império, que ainda hoje lemos no código de Juliano, e é igualmente constante que nas mesmas Gallias, em que governava Constâncio, foram muitos os que em seu tempo padeceram martírio, ou pelas sedições do povo, ou pelo ódio dos magistrados. Terceiro argumento, de que por esta besta se representa o império de Roma pagã, é que no mesmo capítulo 17 se diz claramente que a prostituta, assentada sobre a besta, era a grande Babilônia, de baixo do qual nome de Babilônia toda a antiguidade reconheceu

2 E esta Bêsta que eu vi, era semelhante a um leopardo, e os seus pés como pés de urso, a sua bôca como bôca de leão. E o dragão. lhe deu a sua fôrça e o seu grande poder. (2)

Roma no fim da primeira epistola de S. Pedro. Os dez cornos da bêsta, já notamos noutra parte que simbolizam os dez reis ou as dez nações em que os dividiu pelo tempo adiante o império de Roma. Mas como sendo só sete as cabeças, são contudo dez os cornos, parece que a considerar nisto algum mistério, devemos crer que umas cabeças tinham mais cornos do que as outras, e que assim três delas, como as principais, tinha cada uma dois cornos, e as outras quatro cabeças tinha cada uma seu. E segundo esta intelligência, pode-se dizer que as três cabeças principais eram os três principais imperadores: Diocleciano e os dois Maximianos. — Bossuet. A todos os flageladores e usurpadores têm alguns commentadores applicado esta passagem. Os inimigos de Napoleão I quiseram demonstrar que era a elle que se referiam estas palavras, que outros têm applicado a alguns mal intencionados usurpadores, mormente quando perseguem a Igreja, esquecem tradições e conculcam direitos sacratissimos.

E SOBRE AS SUAS CABEÇAS NOMES DE BLASFEMIA — Repare-se que os sete montes de Roma eram dedicados aos falsos deuses da gentilidade, e que os sete imperadores, como gentios que eram, tinham adotado para si os nomes dos mesmos deuses, porque Diocleciano tomou o nome de Júpiter, chamando-se Jóvio; Maximiano, o de Hercules; chamando-se Hercúleo; o outro Maximiano o de filho de Marte; e Lactâncio, no cap. 50 adverte que os soberbos titulos de Jovios e de Herculeos, que Deocleciano e Maximiano tinham adotado, passaram a seus successores. Eis aqui nomes de blasfemia nas sete cabeças da besta. — Bossuet.

(2) **ERA SEMELHANTE A UM LEOPARDO** — A figura do leopardo fazia o corpo da besta. Este animal é simbolo da inconstância, por causa da variedade das cores de que é malhada a sua pele, por isso os intérpretes em Daniel o applicam aos costumes inconstantes de Alexandre. Mas estes caracteres não convem aqui menos a Maximiano Herculeo, que larga o império e o torna a tomar, que desta segunda vez se dá bem, primeiramente com seu filho Maximiano, e logo pouco depois, cioso dele, o quer perder; que se faz amigo de Galério, e logo maquina arruiná-lo; que por último se une com seu genro Constantino, mas depois se põe contra ele. Eis aqui o leopardo, de que S. João quis formar corpo da besta. — Bossuet.

E OS SEUS PÉS COMO PÉS DE URSO — Este é Galerio Maximiano, animal vindo do norte, a quem o seu humor selvagem e

Apocalipse de S. João Apóstolo 13, 3-6

3 E vi uma das suas cabeças como ferida de morte: E foi curada a sua ferida mortal. E se maravilhou tôda a terra após a Bêsta. (3)

4 E adoraram ao dragão, que deu poder à Bêsta: E adoraram a Bêsta, dizendo: Quem há semelhante à Bêsta? e quem poderá pelejar contra ela?

5 E foi dada à Bêsta uma bôca, que se gloriava com insolência e pronunciava blasfêmias: E foi-lhe dado poder de fazer guerra por quarenta e dois meses.

6 E abriu a sua bôca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar o seu nome, o seu Tabernáculo, e os que habitam no Céu. (4)

brutal, a sua enorme grossura, o seu aspecto carrancudo e feroz faziam parecer um urso. E como seu semelhante, observa Lactân-cio no cap. 21, que Galério gostava muito de ter consigo êste animal. *Habebat Ursos ferociae, ac magnitudinis suae simillimos.* — Bossuet.

A SUA BÔCA COMO BÔCA DE LEÃO — Êste é o Diocleciano, que neste corpo monstruoso era como a primeira cabeça, que logo se apresentava, porque êle era o primeiro imperador que tinha adotado os outros, como é sabido pela história. E o nomear-se ele o último, é porque com efeito Deocleciano não era o mais inimigo dos cristãos. Galério Maximiano foi que o incitou e constrangeu a passar o cruel edito, como também a renunciar o imperio. *Lactân-cio, capítulo 11.* — Bossuet.

(3) **UMA DAS SUAS CABEÇAS** — É Maximiano, que depois de extintos os cinco primeiros tiranos, foi destruído por Licínio e por Constantino, e figurava morto o império da idolatria. — Bossuet.

E FOI CURADA A SUA FERIDA MORTAL — Dai a cinquenta anos ressuscitou a besta na pessoa de Juliano apostata. — Bossuet.

(4) **PARA BLASFEMAR O SEU NOME E O SEU TABERNÁCULO, E OS QUE HABITAM NO CÉU** — Blasfemava Juliano contra o nome de Deus, chamando a Jesus Cristo por desprezo o Galileu; blasfemava o seu tabernáculo, porque blasfemava contra a igreja; blasfemava contra os Santos do Céu, porque dizia S. Pedro, S. Paulo, S. João, os Apóstolos, os Mártires eram uns miseráveis punidos pelas leis, e adorados por uns insensatos. — Bossuet.

7 E foi-lhe concedido que fizesse guerra aos santos, e que os vencesse. E foi-lhe dado poder sobre toda a tribo, povo, língua e nação. (5)

8 E todos os habitantes da terra a adoraram: Aqueles, cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro, que foi imolado desde o princípio do mundo. (6)

9 Se alguém tem ouvidos, ouça.

10 Aquele que levar para o cativo, irá para o cativo: Aquele que matar à espada, importa que seja morto à espada. Aqui está a paciência e a fé dos Santos. (7)

11 E vi outra Bêsta, que subia da terra, e que tinha dois cornos semelhantes aos do cordeiro, e que falava como o dragão. (8)

(5) **E QUE OS VENCESSE** — Com efeito foram muitos os que Juliano fez apostatar. — Bossuet.

E FOI-LE DADO PODER — A perseguição de Juliano foi geral por todo o império, porque só êle era então imperador. — Bossuet.

(6) **QUE FOI IMOLADO DESDE O PRINCÍPIO DO MUNDO** — Imolado desde o princípio do mundo nas vítimas e nos Santos, que o figuravam, ou também podemos aqui considerar hipérbato ou transposição de palavras, de sorte que desde o princípio do mundo se deva unir com os nomes não escritos no livro da vida, conforme outra passagem toda semelhante neste mesmo livro do Apocalipse, 17, 8. — Bossuet.

(7) **AQUELE QUE LEVAR PARA O CATIVEIRO** — São palavras com que S. João consola os Santos, lembrando-lhes o castigo ainda temporal dos seus perseguidores. Valeriano meteu em prisão a muitos fiéis e êle veio a experimentar a dos persas, feito seu cativo. Juliano acabou na guerra com os mesmos persas, ferido dum' mão invisível, e então é que êle rompeu naquela blasfêmia que refere Teodoreto, dizendo para Jesus Cristo, Venceste, Galileu, venceste. — Bossuet.

(8) **E VI OUTRA BÊSTA** — Era a filosofia pitagórica, que sustentada da mágica, veio em socorro da idolatria romana, filoso-

Apocalipse de S. João Apóstolo 13, 12-15

12 E ela exercitava todo o poder da primeira Bêsta na sua presença, e fêz que a terra, e os que a habitam, adorassem a primeira Bêsta, cuja ferida mortal tinha sido curada. (9)

13 E obrou grandes prodígios, de sorte que até fazia descer fogo do Céu sôbre a terra à vista dos homens.

14 E seduziu aos habitadores da terra com os prodígios, que se lhe permitiram fazer diante da Bêsta, dizendo aos habitantes da terra que fizessem uma imagem da Bêsta, que tinha recebido um golpe de espada, e ainda estava viva. (10)

15 E foi-lhe concedido que comunicasse espírito à imagem da Bêsta, e que falasse a tal imagem da mesma

fia, portanto, cheia de termos e discursos pomposos, cheia de prestígios e falsos milagres, cheia de todo o gênero de adivinhações que estavam em uso no paganismo. E os seus dois cornos eram os escritos dos dois filosofos Plotino e Porfirio, que em tempo de Deocleciano andavam muito em voga. — Bossuet.

(9) **ADORASSEM A PRIMEIRA BÊSTA** — Nestas palavras se vê que a adoração respeita a primeira besta, como curada, isto é, a Juliano Apostata, em cujo tempo reviveu a idolatria, e que, como refere Sócrates, livro 3, cap. 19, tinha resolvido, quando voltasse da guerra dos persas, aplicar contra os cristãos os mesmos suplícios de que tinha usado Diocleciano. Juliano pois é o que faz reviver os intentos de Diocleciano, que eram arruinar o cristianismo. — Bossuet.

(10) **QUE FIZESSEM UMA IMAGEM** — A mesma Roma que espalhava por todo o mundo a idolatria, era um objeto dela na sua pessoa e nas de seus imperadores. Todos sabem, que havia templos dedicados a Roma, onde ela era adorada como deusa. Além disso, da célebre Carta de Plínio Moço a Trajano, e doutra de S. Dionísio de Alexandria, que traz Eusébio, liv. 7, cap. 2, consta que justamente como as imagens dos deuses se apresentavam aos cristãos as imagens dos imperadores, incitando-os a oferecer incenso promiscuamente a umas e a outras. — Bossuet.

Bêsta: E que fizesse que fossem mortos todos aqueles que não tivessem adorado a imagem da Bêsta (11).

16 E a todos os homens pequenos, e grandes, e ricos, e pobres, e livres, e escravos fará ter um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas: (12)

17 E que nenhum possa comprar, nem vender, se não o que tiver o sinal, ou nome da Bêsta, ou o número do seu nome. (13).

(11) **E FOI-LHE CONCEDIDO, QUE** — Juliano, antes de Imperador, e depois de imperador todo se entregou aos mágicos, que lhe prometiam, e fizeram ver muitos prodígios aparentes, como ressuscitarem mortos, falarem estátuas, acenderem-se fogos repentinos. Por isso Juliano estimava muito os escritos de Jamblico e de Porfírio, cheios de prestígios e de embustes. E o seu mais prezado diretor era Máximo, grande mágico daquele tempo, cuja vida temos escrita por Eunápio. Santo Agostinho no livro 5 *Da Cidade de Deus*, cap. 21, escreve assim de Juliano: Uma detestável e sacrilega curiosidade, com que Juliano toda a sua vida procurou saber as coisas futuras, tinha lisonjeado a sua ambição. — Bossuet.

E QUE FIZESSE QUE FOSSEM MORTOS — S. Gregório Nazianzeno e Hermias Sozomeno atestam, que Juliano tinha passado ordem, que se castigassem, como inimigos do imperador, todos os que recusassem adorar a sua estátua juntamente com as dos deuses, que estavam ao derredor dela. — Bossuet.

(12) **E A TODOS OS HOMENS** — Para que professem a idolatria, e o mostre pelas suas obras, como era trazer o sinal, marca, ou caráter, deste ou daquele Deus, impresso com um ferro quente, ou no braço, ou na testa. Grócio e Hamon apontam muitas provas deste costume. — Bossuet.

(13) **E QUE NENHUM POSSA COMPRAR NEM VENDER** — Isto diz uma relação manifesta a perseguição de Diocleciano. Todos os interpretes apontam aqui um hino do venerável Beda, composto à honra de S. Justino Mártir, não do filósofo que tinha padecido martírio no segundo século, mas doutro Justino, que padeceu em tempo de Diocleciano. No qual hino se diz, que se não permitia, nem comprar, nem vender, nem ainda tirar água das fontes, senão depois de ter oferecido incenso aos ídolos. Isto é o que se não tinha visto noutra alguma perseguição. Isto foi próprio de Diocleciano. Porém Juliano, no qual êle devia reviver, empreendeu coisa seme-

Apocalipse de S. João Apóstolo 13, 18; 14, 1

18 Aqui há sabedoria. Quem tem inteligência, calcule o número da Bêsta. Porque é número de homem: E o número dela é seiscentos e sessenta e seis. (14)

CAPÍTULO 14

O CORDEIRO SÔBRE O MONTE DE SIÃO. OS SANTOS O ACOMPANHAM. SEGUINDO-O. O FILHO DO HOMEM APARECE SÔBRE UMA NUVEM. A VINDIMA DOS PECADORES.

1 E olhei: E eis que o Cordeiro estava em pé sôbre o Monte de Sião e com êle cento e quarenta e quatro mil,

lhante, quando fêz lançar nas fontes dos manjares imolados, e lançar da água consagrada ao demônio, sobretudo o que se vendia no mercado, para forçar assim os cristãos a participarem dos sacrificios impuros, e idolátricos. Teodoreto, Livro 3, Cap. 15. — Bossuet.

(14) **E O NÚMERO DELA É SEISCENTOS E SESSENTA E SEIS** — Êste lugar, mais que nenhum outro do Apocalipse, tem dado muito que fazer aos antigos, e modernos interpretes. S. João quer-nos dar a conhecer uma insigne personagem humana pelo número do seu nome, para dai virmos no conhecimento da Bêsta, que havia de reviver, e cujo caráter era necessário que trouxessem impresso, os que houvessem de comprar, e vender, conforme o verso precedente. Calmet diz que a explicação de Bossuet é a mais provável de tôdas. E eis aqui a explicação de Bossuet. O nome de Diocleciano antes de imperador era Diocles. Lactâncio, Cap. 9. Para fazer daqui o imperador que S. João designou pela Bêsta, não é necessário mais do que ajuntar ao seu nome particular Diocles, a sua qualidade Augustus, que os imperadores com efeito costumavam ajuntar ao seu nome. Feito isto, logo dum golpe de vista aparece nas letras numerosas dos latinos (que destas convém que se use, visto tratar-se dum imperador romano) o número 666 **DIOCLES AVGVSTVS, DCLXVI**. Eis aqui o grande perseguidor, que S. João representou de tantas maneiras. Eis aqui o que Juliano fez reviver: por isso antes se marca o seu nome do que o de Juliano. Até aqui mr. Bossuet. Talvez porém que alguns entendam melhor a sua explicação na forma que a traz Calmet.